



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MARIA ALMEIDA DOS REIS

**EM BUSCA DE CONQUISTAS: DA ALFABETIZAÇÃO AO
SONHO DO CURSO SUPERIOR**

Ji-Paraná/RO
2017

MARIA ALMEIDA DOS REIS

**EM BUSCA DE CONQUISTAS: DA ALFABETIZAÇÃO AO
SONHO DO CURSO SUPERIOR**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji-Paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof.(a) Msa Gicele Sucupira Fernandes.

Ji-Paraná/RO
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



EM BUSCA DE CONQUISTAS: DA ALFABETIZAÇÃO AO SONHO DO CURSO SUPERIOR

MARIA ALMEIDA DOS REIS

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

1º de dezembro de 2017.

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof^a. Msa Gicele Sucupira Fernandes.

Membro: Prof. Dr. Wendell Fiori de Faria

Membro: Prof. Dr. Mario Roberto Venere

**Ji-Paraná/RO
2017**

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existir-se, historicizar-se.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. DA ALFABETIZAÇÃO AO ENSINO MÉDIO	7
2. O CURSO DE PEDAGOGIA	14
3. OS ESTÁGIOS	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS	21

APRESENTAÇÃO

Neste Memorial de formação com o título *Em busca de conquistas: da alfabetização ao sonho do curso superior escreverei*, trazendo para o presente, momentos vivenciados em diferentes situações, nas diversas etapas de minha vida.

Este Memorial está dividido em três capítulos nos quais abordo a reflexão da formação inicial da alfabetização ao ensino médio e as dificuldades enfrentadas posteriormente no curso de Pedagogia, que está em fase de conclusão.

Tenho certeza que muitas das minhas lembranças já foram apagadas, mas as que mais marcaram minha vida estão aqui. Algumas tristes e outras muito felizes, tal como escreve Vani Kenski:

A história de uma vida é composta de lembranças marcantes que a determinam. A memória não é um procedimento individual, mas uma relação determinada do indivíduo com a cultura e com as formas de dominação sob as quais se foi constituindo. As lembranças desagradáveis, os sentimentos negativos – especialmente os ocorridos na infância – em muitos casos são ‘esquecidos’, mas não inteiramente perdidos pela memória. (2004, p.42).

As relações ocorridas na infância exercem fatores importantes na formação da personalidade do adulto, por isso os sinais deixados na lembrança pelas primeiras experiências escolares, muitas vezes, refletem na atualidade, no comportamento de professores em salas de aula. Sei que tenho muito ainda para aprender. Não tenho experiências pedagógicas, mas o estágio supervisionado me mostrou que o contexto relacional entre prática-teoria-prática apresenta importante significado na formação do professor.

O estágio, que compreendeu a observação e a intervenção, foi um desafio para mim. Tive dificuldades, mas também foi muito bom para analisar e refletir sobre as práticas pedagógicas.

Este curso está sendo para mim a realização de um sonho, que parecia muito distante, mas estamos na reta final.

A reflexão e a análise das aprendizagens com relação à prática pedagógica adquirida durante o curso são importantes tanto para minha formação como para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

1. DA ALFABETIZAÇÃO AO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo contarei minha trajetória escolar, que iniciou aos seis anos. Primeiro vou escrever um pouco de minha infância. Meu nome é Maria Almeida, sou natural de Ubitatã, Paraná. Tenho oito irmãos, cinco dos mesmos pais e três de minha madrasta com meu pai. Meu pai e minha mãe nunca frequentaram a escola, mas mesmo sendo analfabetos nunca deixaram de colocar os filhos em uma.

Meu primeiro contato com a escola foi em Foz de Iguaçu, no Estado do Paraná. Nessa época meu pai começou a trabalhar na usina Itaipu. Eu tinha seis anos quando fui matriculada na pré-escola no Colégio Anglo Americano. Era um colégio com uma qualidade de ensino diferenciada, que se destacava dos demais colégios da cidade.

Quando cheguei à escola, já escrevia meu primeiro nome e conhecia as vogais. Meus irmãos maiores me ensinavam em casa. Não sei o porquê, mas não consigo lembrar o rosto e nem o nome de minha primeira professora. Lembro de uma menina que sempre estava comigo e no recreio nós sempre lanchávamos juntas. Foi um ano difícil para todos da minha família, pois minha mãe adoeceu, por isso não concluí a pré-escola. Nesse ano ela veio a falecer, deixando seis filhos entre cinco e dezesseis anos de idade. Eu tinha apenas sete anos. Dessa fase de minha vida tenho poucas lembranças. Acredito que por ter sido um tempo doloroso, procuro não me lembrar.

No ano seguinte, em 1982, retornei à escola para a primeira série. Foi muito difícil para mim, sofri muito *bullying*. Não entendia porque as outras crianças riam de mim e às vezes me excluía das brincadeiras. Hoje eu sei que era porque não estava muito bem vestida e arrumada para a escola, muitas vezes, nem penteava os cabelos porque não tinha minha mãe para me auxiliar e nenhum outro adulto. Meu pai saía de madrugada para trabalhar na usina retornando à noite. Eu era uma criança tranquila e aprendia com facilidade. Naquele ano fui alfabetizada com a cartilha Caminho Suave e concluí o primeiro ano do ensino fundamental.

No início de 1983, meu pai saiu da Usina Itaipu e veio de mudança para Rondônia. Minha vida mudou completamente, pois de uma cidade grande vim morar em uma chácara na zona rural a 06 km de Presidente Médici, sentido Alvorada do Oeste. Não tinha energia elétrica, nem água encanada, faltava todo conforto que

tínhamos na outra moradia. Como era tudo diferente! Nossa casa era de madeira. Para mim e meus irmãos no início era tudo novidade, mas aos poucos fomos vendo como era muito difícil sem aquele conforto que tínhamos. Era preciso tirar água de poço, tomar banho de caneca, usar lamparina e dormir muito cedo para não gastar muito querosene, que era usado nas lamparinas.

Lembro-me que adorava os finais de semana para poder ir à cidade onde morava meu tio e minha tia, para poder brincar com meus primos, assistir televisão, como eu gostava. Quando eu e meus irmãos não íamos à cidade eles vinham para a chácara e brincávamos muito de pé na lata, de rouba bandeira, pega-pega, subíamos nas árvores, e muitas outras brincadeiras. Sempre que podíamos nós íamos aos rios, sem que meu pai soubesse.

Meu pai ainda continuava viúvo então e eu e meus irmãos sofríamos bastante, pois uma mãe faz muita falta no lar. Todavia, meu pai continuava lutando e cuidando dos filhos. Meu tio e minha tia, que até hoje moram em Presidente Médici, ajudaram muito meu pai quando chegamos aqui em Rondônia, cuidando de mim e de meus irmãos. Apenas em 1984 meu pai foi em Foz do Iguaçu e se casou novamente, tornando nossas vidas mais fáceis. Minha madrasta era uma pessoa tranquila e bondosa cuidava de tudo na casa, cuidava de mim e de meus irmãos como se fossem seus filhos.

Minha vida escolar retornou em 1983, em Rondônia. Eu e meus dois irmãos, um mais novo e outro mais velho. Fomos estudar em uma escola da zona rural, em Presidente Médici, na Escola Laranjeira. Nessa escola todos os alunos estudavam em uma única sala de aula, independente da série que estavam. Era um só professor que dava aula para todas as séries iniciais da 1º a 4º série da época e eram os próprios alunos junto com o professor que faziam a merenda. Lembro-me, como se fosse hoje, das carteiras pesadas de madeira com dois lugares, assim se sentavam dois alunos em cada uma.

A sala de aula era grande e com enormes janelas, para ter boa ventilação, pois não havia energia elétrica e também não havia nenhuma decoração nas paredes da sala, somente livro empilhado em algumas carteiras. Os professores daquela época foram heróis, pois além de ensinarem os alunos, cuidavam de tudo, desde a documentação, a

merenda e até a limpeza da sala de aula, pois não havia merendeira, zeladores e nem secretaria. Não havia muitos alunos, não me recordo de quantos, mas éramos poucos.

Esse tempo deixou saudades, pois foi a época que mais brinquei na escola. O pátio era apenas o chão batido na frente da escola. Os alunos eram todos simples e não havia distinção entre nós. Brincávamos muito na hora do recreio, de amarelinha, pular corda, pega-pega, esconde-esconde e muitas outras brincadeiras. Posso dizer que foi uma fase em que me sentia muito feliz. Também me recordo das datas comemorativas. Como era tudo muito simples na escola, as datas eram discutidas com o professor dentro da sala de aula, como dia dos pais, páscoa, 07 de setembro, dia das crianças, dentre muitas outras. Não tinha presentes e nem lembrancinhas, como vejo nos dias de hoje em que os professores das séries iniciais fazem e distribuem para as crianças.

Lembro também que quando estudava nessa escola da zona rural, o professor não contava histórias e nem lia para os alunos. Não havia incentivo à leitura como vejo nos dias de hoje e sei que isso é muito importante, pois a leitura é um dos meios mais importantes para a construção de novas aprendizagens. Não havia biblioteca, somente livros didáticos para os estudos.

De lá para cá a educação mudou bastante e acredito que para muito melhor. Hoje meus filhos são frequentadores assíduos da biblioteca da escola em que estudam e os professores incentivam muito a leitura. Isso sem contar da tecnologia. A internet também ajuda a diminuir o caminho para o conhecimento.

As histórias que lembro na minha infância foram os meus tios que contavam quando era época da colheita do café. Meus pais nunca me contaram histórias. Dois de meus tios ficavam na chácara nessa época para trabalhar na colheita do café e à noite depois da janta acendíamos o fogo no terreiro em frente da casa e eles contavam histórias para mim e meus irmãos. Era um momento muito esperado, nós gostávamos muito. Eu adorava ouvir as histórias da gata borralheira, do gato de botas e outras.

Ouvir histórias é um momento mágico, pois ouvindo histórias eu entrava em um mundo de fantasias. Por isso acho importante que o professor conte histórias para os alunos porque muitos alunos só ouvem histórias na escola. As histórias, conforme vi em meu estágio divertem os alunos e também atingem outros objetivos da aprendizagem, como socializar, educar, instruir e desenvolver a inteligência e a sensibilidade.

Ao ouvir histórias o aluno aflora o gosto pela leitura e escrita e o hábito de ler, muitas vezes, pode ser iniciado na escola que tem a função de desenvolver o estímulo à leitura e à escrita, a busca pelo saber oferecendo meios que venham a convidar o aluno para um despertar do desejo de apreciar. Como salienta Renata Souza

(...) o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar. (SOUZA, 2004, p.223)

Acredito que é responsabilidade da escola promover metodologias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor, despertando interesse, aptidão e competência.

Assim seria muito importante que toda escola pudesse oferecer para seus alunos uma biblioteca e um espaço reservado para leitura, podendo assim obter bons resultados quanto aos objetivos esperados para o desenvolvimento de práticas leitoras. Ler histórias para os alunos é um meio de incentivo à leitura, despertar a curiosidade e o prazer para leitura e escrita.

(...) o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1989, p.29)

A disponibilidade de livros concebe papel decisivo no despertar do interesse pela leitura. Hoje consigo entender meu professor, pois naquele tempo a maioria dos professores que lecionavam na zona rural não tinha curso superior e muitos nem haviam concluído o ensino médio. Ainda assim, por conta das histórias ouvidas, sempre gostei muito de ler, mesmo não tendo incentivo nas séries iniciais. Tudo que pegava eu lia. Até hoje adoro ler. Sou fascinada por romances, contos e histórias infantis.

O professor era sério com os alunos, mas ensinava a todos com muita dedicação. Mesmo com toda sua seriedade, o professor às vezes brincava na sala de aula com os alunos. Toda semana nós cantávamos o Hino Nacional e o Hino de Rondônia. Foi nessa época que aprendi o Hino de Rondônia e nunca mais esqueci.

Também não me esqueço dos desfiles do dia 07 de setembro, que ocorriam na cidade todo ano. Eu gostava muito de assistir ao desfile e tinha muita vontade de desfilar, mas só os alunos das escolas da cidade desfilavam, até porque os alunos da

zona rural, como era o meu caso, não tinham condições de comprar o que era preciso, como tênis e uniforme. Eu pensava comigo: um dia ainda desfilo no dia 7 de setembro.

O professor usava o método tradicional, onde os alunos tinham que decorar a tabuada. Nas disciplinas de Ciências e Geografia o professor fazia questionários com diversas perguntas para estudarmos em casa e se possível decorá-las, pois deles eram retiradas as questões que cairiam nas provas. Ele usava uma régua de madeira comprida e dava batidas com a régua nos alunos quando não obedeciam ou conversavam na hora da aula. Os alunos tinham medo e respeitavam o professor. Apesar do método usado pelo professor, para mim esse professor marcou minha vida escolar, pois via nele o desejo que todos aprendessem e ele ensinava com dedicação, apesar das dificuldades daqueles tempos.

Quando terminei a 4ª série do primário na Escola, iniciei a 5ª série, com 11 anos de idade, na escola Emílio Garrastazu Médici. Nessa época ainda morava na Zona Rural, a dificuldade era muito grande devido à distância, porque não havia transporte escolar que buscasse o aluno no sítio e levasse até as escolas da cidade, como hoje. Por esse motivo, o deslocamento; ora era feito de bicicleta ou a pé, sempre junto com meu irmão mais velho. Em tempos chuvosos, o transtorno aumentava porque além da distância, tínhamos que enfrentar os fortes temporais daquela época, com rajadas de ventos, trovões e relâmpagos. Também vi o quanto era diferente uma escola rural de uma escola da cidade, pois estava acostumada com a simplicidade da roça.

Foi difícil para mim, pois tinha apenas onze anos e era muito simples. Eu sofria com alguns alunos, que zombavam de mim por morar na roça e usar aquelas roupas simples. Sofri preconceito dentro da escola até de professores.

Notava que quando tinha dificuldade em disciplinas de certos professores, quando perguntava não era atendida como os demais alunos. Eu, na minha ingenuidade, observava tudo. Ficava muito envergonhada na escola. Enfrentei muito preconceito e isso ficou marcado em mim, pois até hoje tenho receio de falar em público. Sou tímida e isso às vezes acaba me prejudicando. Atualmente, analiso essa situação vivida a partir do que assinala Judy Freedman:

A sensibilidade exagerada e a sensação de deslocamento podem permanecer definitivamente com a criança quando ela crescer. Muitos adultos que

carregam consigo cicatrizes emocionais causadas pela ridicularização e pela provocação sofridas na infância, ou que não se sentem bem em relação ao que são por outras razões, ficam mais vulneráveis a observações negativas na vida adulta.(FREEDMAN,2004, p.10)

Já consegui superar muitos medos e estou conseguindo alcançar meus objetivos. Em razão de todas essas dificuldades, acabei não indo mais à escola e não concluí o ensino fundamental. Não lembro de nenhum incentivo vindo de professores. Quando faltava, não procuravam saber o porquê das faltas.

Hoje observo como a escola está atenta à evasão escolar e procura pais e alunos, para que os alunos estejam sempre na escola e não faltem. A escola está em consonância com o que está exposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que assegura às crianças e adolescentes igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. A lição, portanto, que levo para minha vida profissional é a de não repetir com meus futuros alunos aquilo que eu rejeitava em meus professores.

Aos 15 anos, quatro anos após ter abandonado a sala de aula, entrei na 5ª série e retomei meus estudos. Arrumei um emprego de babá e fui morar na cidade. Trabalhava durante o dia e estudava a noite. Nesse ano, na 5ª série, eu participei pela primeira vez do desfile de 7 de setembro, na Escola 15 de Novembro, onde estudava. Fiquei muito feliz, pois quando era criança sempre me imaginava desfilando e finalmente eu estava lá de porta bandeira. Era muito cansativo, mas mesmo assim fiquei dois anos longe da casa do meu pai, na cidade.

No final de 1992, eu não aguentava mais ficar longe da minha família, então conversei com meu pai e ele resolveu se mudar no ano seguinte para Presidente Médici, para que eu pudesse então estudar e estar em casa. Queria muito fazer magistério, porém a escola só oferecia no período vespertino. Em razão do trabalho, não foi possível fazer. Optei por fazer contabilidade, curso que a escola oferecia no período noturno, entretanto, como eu não me identificava com o curso acabei desistindo sem concluir.

Quando estava com 20 anos me casei e fui residir em outro município do Estado de Rondônia. Dediquei-me então a cuidar dos filhos, marido e da casa. Algum tempo depois retornei à escola, com 32 anos, após meus filhos já estarem bem crescidos. Minha filha já estava com 10 anos e meu filho com 5 anos. Sentindo a necessidade de dedicar meu tempo em busca de algo que deixei para trás o conhecimento. Quando

acordei para a dura realidade que a vida impõe àqueles que não dão valor ao que é mais sagrado e valioso, recorri aos bancos escolares.

No módulo seriado fiz o ensino médio em um ano e meio e depois parti para a conquista do sonho Curso Superior. Prestei o vestibular da UNIR para o curso de Pedagogia EaD. É por esse sonho que estou na fase de conclusão do meu primeiro curso superior, buscando, com muito esforço e dedicação, a aprovação para assim atuar na área que tanto almejava quando ainda jovem.

2. O CURSO DE PEDAGOGIA

Eu trabalhava na Secretaria de Estado da Saúde de Rondônia (SESAU) mas como sempre gostei da área da educação fiz concurso da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (SEDUC). Queria acompanhar de perto o trabalho realizado dentro das escolas. Morei onze anos em Ji-Paraná. Trabalhei em uma escola do bairro Parque São Pedro por quase cinco anos. Essa escola atendia crianças do ensino fundamental do 1º ao 5º ano. Atualmente estou morando e trabalhando no distrito de Nova Londrina. Trabalho em uma escola que atende alunos do 6º do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Percebi o quanto é diferente uma escola da outra pelo lugar e pela faixa etária dos estudantes.

Sou funcionária pública e atualmente trabalho em uma escola como merendeira. Presenciei projetos que foram desenvolvidos por professores na cozinha da escola. Esses projetos realizados pelos professores com atividades práticas, além de despertar o interesse dos alunos, que aprendem, através das receitas, a Matemática, Português, História e Geografia. Assim, os alunos acabaram tendo uma visão diferente dos alimentos e assim perceberam de uma maneira didática e criativa a importância de se alimentar de forma saudável. Antigamente eram utilizados na merenda escolar muito produtos industrializados com alto teor de sódio. Hoje em dia a alimentação escolar é muito mais saudável, com redução de sal e com muito consumo de frutas, legumes, verduras e sucos naturais.

Após terminar o ensino médio fiquei pensando como faria para fazer um curso superior, já que não tinha condições de pagar para continuar os estudos. Fiquei sabendo por uma amiga dos cursos que a UNIR, em parceria com a UAB, estava oferecendo e me inscrevi no curso de pedagogia. Fiz o vestibular em 2008 e não consegui ser aprovada, mas quando fiquei sabendo que teria outro vestibular para formar novas turmas, me inscrevi novamente e fiquei feliz ao ser aprovada.

Nossa turma começou com cinquenta alunos. Lembro-me que a sala de aula ficava repleta de gente. No primeiro dia fiquei apreensiva, mas logo que conheci alguns alunos e as tutoras fiquei mais tranquila. Fui aprendendo como funcionava o curso a distância.

Confesso que não foi nada fácil no início, pois tinha muitas dúvidas, como tenho até o dia de hoje, mas fui me adaptando aos estudos. Os professores, mesmo estando a distância, através dos vídeos e das apostilas passavam as orientações para os estudos. As primeiras tutoras, Flávia e a Thaís, me auxiliaram muito. Nunca me esquecerei o quanto elas foram importantes para mim no início dessa caminhada.

Também as tutoras Rose e Edivânia. A Edivânia é a minha tutora atual que está sempre pronta a ajudar e não mede esforços para auxiliar os acadêmicos nos estudos. Há pessoas especiais no meu caminho, como meus amigos do curso, trocamos ideias e minha amiga Rusenilda que tem sido uma grande amiga sempre presente desde o início do curso, estudamos sempre juntas, na hora das dúvidas, muitas vezes, ela me deu 'uma luz'.

Queria muito já ter concluído este curso que teve início em 2011. A paralisação que teve acabou nos prejudicando muito. Alguns alunos até desistiram, pois pensávamos que o curso nem continuaria. Foi uma espera angustiante. Quando as aulas voltaram fiquei muito feliz, pois afinal o sonho de realizar o curso tão almejado voltava. O tempo que fiquei parada por causa da interrupção das aulas me desmotivou muito, mas quando o curso retornou, pensei e acabei optando em continuar por ser o curso que sempre quis fazer e também porque o curso a distância proporciona praticidades, para quem tem uma rotina agitada, com trabalho e filhos, além da distância de uma universidade e o tempo curto, inclusive para estudar. O curso a distância veio a ser ideal para eu continuar meus estudos.

Encontrei dificuldades no início em estudar sem a presença física de um professor e em me concentrar nos estudos, mas aos poucos fui me acostumando a estudar sozinha. Sei que preciso estudar muito ainda, mas para mim já é uma grande vitória ter chegado até aqui. Já iniciei uma pós-graduação em Educação Infantil e não pretendo parar, após terminar esses cursos, quero estudar mais. Sei que preciso estar sempre aprendendo, o conhecimento é a única coisa que ninguém consegue nos tirar.

Gostaria muito que tivéssemos mais aulas presenciais, pois as poucas que nós alunos tivemos foram muito proveitosas. O professor faz muita falta para o aluno, na hora de tirar as dúvidas e por ser curso a distância às vezes tenho dificuldade para aprender.

3. OS ESTÁGIOS

Quando chegou o estágio, fiquei muito apreensiva. Estar trabalhando em uma escola é uma coisa, estar em uma sala de aula é outra completamente diferente. Senti o peso da responsabilidade. Imaginei que não seria nada fácil para mim e me senti insegura para estagiar. Na observação pensei que estaria tudo bem. Deduzi que não seria tão difícil, mas e a intervenção? Aqueles dias para mim foram de grande preocupação. Pensava como fazer? O que fazer? Eram tantas perguntas, tantas dúvidas.

O Estágio Supervisionado já é por si só, um desafio. Desenvolvido, em geral, apenas, no final do curso e, muitas vezes, desvinculado das atividades praticadas pelos alunos nos semestres anteriores. Traz em si grandes expectativas. É quando todos os problemas e deficiências apresentadas durante o curso têm uma última chance de serem pelo menos discutidos. Em conversa com a tutora e o professor orientador do estágio fiquei mais tranquila e fui fazer o estágio, que é um momento muito importante e não mera disciplina a ser cumprida, pois “deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças”. (KULCSAR, 1994, p.65)

É com o olhar desta autora que vejo dilemas da profissão docente, dilemas que se colocam o profissional num campo complexo de relações e intenções, de comportamentos imediatos, da imprevisibilidade, da gestão e da abertura de caminhos a serem percorridos para descobrir os segredos do ato de educar. Apesar de trabalhar dentro de uma escola também “senti na pele” a resistência de alguns professores em abrir espaço para o estágio. Não entendo por que tanta dificuldade em deixar que um aluno estagie em sua sala.

Considero o estágio supervisionado uma parte importantíssima no processo de formação do professor, pois auxilia o aluno a compreender o mundo do trabalho e contribui para a formação de sua consciência política e social pontua que

Esta formação tem por objetivo preparar o estagiário para a realização de atividades nas escolas, com os professores nas salas de aula, bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina do estágio nas escolas revela. (PIMENTA; LIMA, 2004, p.102)

Enfim chegou o primeiro dia do estágio e lá estava eu dentro de uma sala de aula, pela primeira vez como estagiária. Fui recebida com carinho pela professora e pelos alunos, que apesar de pequenos, eram muito comunicativos. Logo no início já começaram as perguntas, me senti à vontade e percebi o quanto me senti alegre com eles. Esse primeiro estágio foi numa creche com crianças de 03 a 04 anos. No pré-escolar I, vi que o lúdico é o que predomina na Educação Infantil.

Fiquei encantada. As crianças aprendem com facilidade e são muito curiosas. É claro que vi que é um grande desafio para os professores, pois por serem tão pequenas é preciso muita atenção e são muito dependentes. Amei o trabalho que as professoras fazem com as crianças, pois através das brincadeiras elas aprendem e se divertem. Entendo, como aponta Janet Moyles que “O brincar “aberto” aquele que poderíamos chamar da verdadeira situação de brincar, apresenta uma esfera de possibilidades para a criança, satisfazendo suas necessidades de aprendizagem e tornando mais clara a sua aprendizagem explícita” (MOYLES, 2002, p.36).

Por isso é tão importante o brincar infantil na escola. Esse brincar em situações educacionais proporciona um meio real de aprendizagem, como também permite que adultos aprendam sobre as crianças e suas necessidades. Quero levar “o brincar” para minha vida profissional, pois volto a ser criança quando brinco e isso é muito bom. São momentos de descontração e alegria.

Durante as aulas observadas, a professora também trabalhou com pintura, colagem, música e dança. O que mais me chamou a atenção foi o momento de contar histórias, o “cantinho da leitura”. As crianças ouviam com atenção cada página que passava. Via os olhinhos delas brilharem de curiosidade e entusiasmo. Achei importantíssimo incentivar o gosto e o encanto pela leitura desde pequeno. Isso sim precisa ser o objetivo de toda escola, como indica os Parâmetros Curriculares Nacionais

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto vista, os objetivos de realização imediata. (BRASIL, 1997,p.54)

Em todas as escolas e séries que estagiei, tanto na creche, pré-escola e ensino fundamental, notei que os professores se empenhavam na leitura e incentivaram muito os alunos a lerem, principalmente, no caso de alunos que estão sendo alfabetizados.

Através da leitura das histórias, os professores conversavam com os alunos, interrogavam o que eles já conheciam do seu cotidiano fora da escola. Por meio da leitura eles iam vivenciar experiências que propiciassem e solidificassem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem.

O estágio nas series iniciais do 1º ao 5º ano foi em uma semana em que a escola estava com um projeto de leitura com os alunos, envolvendo alunos, pais, professores e funcionários. A escola procurou envolver toda comunidade escolar nesse projeto. Achei interessante, pois os professores convidaram os pais, avós e tios que pudessem ir à escola para ler para os alunos, seus filhos, netos e sobrinhos. Funcionários da escola, zelador e merendeira também leram para os alunos. Foi muito bom ver como estavam todos envolvidos no projeto da leitura e também como as crianças estavam interessadíssimas nas histórias que eram contadas para elas. Elas liam e também contavam histórias, atividade importante para aprendizagem com salienta Sylvia-Terzi

Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre a linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita e sumaria a história. (TERZI,1995, p.43)

Na intervenção elaborei um planejamento considerando todos os critérios e atendendo as etapas de desenvolvimento do projeto que estava sendo executado. O estágio trouxe experiências únicas, por meu dele tive a oportunidade de ver o trabalho dos professores e assim refletir sobre a prática pedagógica. Minha experiência, portanto, estava em consonância com o objetivo proposto, uma vez que ao estágio “competem possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional.” (PIMENTA; LIMA, 2004, p.43)

Gostei do meu estágio, pois aprendi muito com os professores e os alunos, e me deu oportunidade de estar em frente a uma sala de aula e sentir a responsabilidade que terei como professora, e como é na prática o dia a dia em uma escola como educador. Na observação e intervenção, tive a oportunidade para refletir e analisar onde devo melhorar no meu desempenho como professora.

Sou apaixonada pela Educação Infantil. Acabei descobrindo que é o que em sempre quis quando fiz o meu estágio. Quero ser sim uma professora na Educação

Infantil, porque me identifico. Muitas vezes me perguntam por que escolhi Pedagogia. Simples. Escolhi porque quero ser pedagoga. Mesmo diante de tantas dificuldades que envolvem a área da educação, sei também de sua significativa importância e que nosso país estará fadado ao fracasso se ninguém mais quiser desempenhar essa profissão. Eu quero ser professora e estou pronta sei que terei muitos desafios para enfrentar. Também quero fazer o melhor que posso e obter bons resultados.

Acredito que ser professor não é uma tarefa fácil. Exige pesquisa, estudo, interesse, responsabilidade e motivação. Estes são desempenhos e características assumidas por aqueles que depois de passar por diversos caminhos de lutas, compartilham de uma educação capaz de libertar o ser e tornar os alunos capazes de reivindicar seus direitos e cumprir seus deveres

Quero ser desafiada a estudar mais e permanecer estudando, conforme advoga Paulo Freire. “Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho”. (1996, p.68) Há pessoas que acham que sou muito corajosa e sou mesmo. Corro atrás de meus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste memorial estou relatando memórias de minha infância e trajetória escolar. Para mim está sendo um desafio, pois há lembranças que não me deixaram saudades e outras lembranças que sempre gostarei de relembrar. A vida é uma caixinha de surpresas e estamos sempre nos surpreendendo com algo novo em nossas vidas. O memorial foi uma surpresa para mim. Nunca me imaginei relembrando s minha infância e a minha trajetória escolar. Posso dizer que no começo achei difícil, mas as lembranças foram surgindo. É claro que nunca vou conseguir lembrar-se de tudo, mas o que mais marcou está aqui.

O estágio nunca vou esquecer, desde a observação à intervenção. Eu percebi o quanto é bom fazer o que gosto. Pergunto-me como demorei tanto para retomar meus estudos. Enfim, acredito que nunca é tarde para fazermos aquilo que queremos e ir atrás de nossos objetivos, por isso estou aqui relatando o que enfrentei nesse período que me encontro estudando. É claro que sei que estou apenas no começo e há um longo caminho a percorrer, mas estou disposta a ir atrás de meus objetivos. Agora que voltei a estudar não quero mais parar, pois sei que um professor precisa sempre estudar.

A conclusão desse curso será para mim uma vitória muito almejada. Apesar dos desafios enfrentados ficarei honrada em fazer parte desses alunos que foram guerreiros e continuaram firmes até a conclusão desse curso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos deputados, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990. ECA. Brasília.DF.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREEDMAN, Judy S. **Eliminando Provocações**, São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

KENSKI, Vani Moreira. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICONEZ, Stela C. B. (org.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 2ª edição. Papirus. Campinas, São Paulo: Campinas, 2004.

KULCSAR, Rosa. O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora. In: PICONEZ, Stela C. B. (org.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 2ª edição. Papirus. Campinas, São Paulo: Campinas, 2004.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do educador na educação infantil. Porto Alegre: Armed, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno**: processos de formação continuada. UNESP. Presidente Prudente. 2004 Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo3/leituraprofessor.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2017.

TERZI, Sylvia Bueno. **A Construção da Leitura**. Campinas: Pontes; Ed. Da Unicamp, 1995.